

A CENA DIABÓLICA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Um drama em quatro atos, seis personagens e um ponta

Esta peça foi baseada na vida desses atores de pavilhão demonstrando que a infelicidade existe em todos os lugares.

“Trata-se do crime do circo”

PERSONAGENS

Rubens

Vingínia

Artur

Seu Paulo, o gerente

Investigador de polícia

Sentinela

Pontinha

CENARIZAÇÃO

1º Ato — Cenário de um interior de camarim.

2º Ato — Cenário de outro camarim melhor.

3º Ato — Cenário do interior de uma casa e palco.

4º Ato — Cenário de uma rua avistando um arraial

TRABALHAM NOS SEGUINTE ATOS

1º Ato — Vingínia, Artur, Rubens e Sr. Paulo o Gerente.

2º Ato — O Gerente, Artur, Rubens, Vingínia.

3º Ato — Artur, Vingínia, Rubens, Gerente, Ponta, o Investigador.

4º Rubens — Investigador, Sentinela.

NA MAQUIAGEM

Rubens — um sujeito desarrumado ares de ébrio fumando, e sempre de paletó nas costas. 33 anos.

Vingínia — uma moça bem arrumada, bonita, 22 anos.

Artur — um moço de uns 26 anos bem arrumadinho sem paletó.

O Gerente — um homem de responsabilidade de uns 55 anos mais ou menos, “se for possível, careca”.

O Investigador — um homem sério de terno e gravata aparentando uns 40 anos.

Sentinela — um homem trajado de soldado.

Ponta — um homem trajado de “agente do pavilhão”.

Em caso de falta de personagens, o mesmo Sentinela fará o ponta, apenas mudando de roupa.

PROBLEMA NA MAQUILAGEM

A maquiagem de Rubens no 4º ato tem que parecer com um fugitivo, meio suja e a do investigador tem que aparecer como se fosse um velho bêbado e todo esfarrapado, completamente diferente do que é.

E não se esqueça: Rubens tem que ser mil vezes mais rústico no 3º ato.

Trailer da peça A CENA DIABÓLICA

Narração — Senhoras e senhores. Este será um espetáculo de gala, não percam. É o belíssimo drama montado com todo o carinho.

Venham ver e aplaudir, “A Cena Diabólica” o belíssimo drama em 4 longos atos. Extraído da própria vida artística, a vossa vida.

ENTRAM EM CENA. DE ARMA EM PUNHO, RUBENS EXCLAMA

Rubens — Não é preciso, eu ficarei com tudo.

Artur — Sim...está bem, mais cuidado com seu dedo, cuidado com o gatilho. Você não vai apertar, não é?

Rubens — Você sabe que não brinco com arma e ainda quando se trata de traições. Artur — Leve tudo consigo Joe, eu não quero morrer.

[RUBENS APANHA A PASTA] Eu vou levar mesmo, não é preciso mandar, e não pense que vai ficar vivo para me denunciar.

Artur — Por favor, Joe, não seja louco. Eu não vou denunciá-lo. Rubens — Não vai mesmo, disso eu tenho certeza.

RUBENS AFASTA-SE E...

Artur — Joe...não me mate...não!... Rubens — Eu não preciso mais de você

E ATIRA EM ARTUR MATANDO-O. ESTE TOMBA E RUBENS FOGEE...

Artur — Ai...

NESTE MOMENTO ENTRA VIRGÍNIA EM CENA

VIRGÍNIA — Antônio!...Antônio!... Que aconteceu?...Responda Antônio!...

Oh! Ele está morto...[MUDANDO DE EXPRESSÃO, VIRGÍNIA ARREGALA OS OLHOS] Meu Deus que coisa horrível...Isto é sangue mesmo...So-corro, seu Paulo...por favor...venha depressa. Artur está morrendo...

Rubens matou-o de fato. Sabotagem aqui...socorro.

E SAI DE CENA.

Narração — Isto aconteceu na carneira artística. Ator aproveitou-se da cena do drama, para fazer vingança da esposa que o traia, com seu amigo de profissão. Esta foi A Cena Diabólica.

O belíssimo drama em 4 atos brevemente neste circo. A Cena Diabólica fora acontecida há muito tempo em pavilhão, como o nosso. Tendo como intérpretes este maravilhoso elenco.

O galã — Artur

O traído — Rubens

A esposa infiel — Virgínia

O investigador de polícia

Seu Paulo, o Gerente e outros

Montagem extraordinária, um ensaio geral, uma direção administrada.

Um ponto, providencial. Uma belíssima dicção.

A Cena Diabólica. Brevemente neste circo.

1º ATO

EM CENA VIRGINIA SENTADA FAZENDO TOILETE.

Virginia — Eu preciso me arrumar muito bem hoje, pois serei a principal da peça. E depois vou trabalhar ao lado de Artur. É preciso muito cuidado ao fazer a maquiagem.

ENTRA EM CENA ARTUR COM UM AR “RESSABIADO”

Artur — Olá, Virginia... e então.

Virginia — Olá Artur...sente-se

Artur — Não tenho muito tempo.

Virginia — Ó deixe de bobagem, você quer se desculpar, pensa que eu não sei?

Artur — Há! há! há! Como sabes disso?

Virginia — Está com medo do gerente vê-lo aqui no meu camarim.

Artur — Bem... não fica bem para mim isso, não é? Afinal de contas sou considerado um dos melhores da companhia.

Virginia — Mas não tenha medo. Ele saiu um pouco e não vai voltar muito logo.

Artur — Obrigado. Sabe Virginia, eu vim aqui para dizer uma coisa.

Virginia — Pode me dizer, Artur, estou a todos ouvidos. Do que se trata?

Artur — É o seguinte, estou com muita pena do Rubens.

Virginia — Oras! Por que?

Artur — Não sei, mas ele diferenciou muito de uns tempos para cá.

Virginia — Rubens é muito meloso. Não ligue para isso, pois ele sabe que eu não gosto mais dele.

Artur — É, às vezes penso que não devíamos ter-nos conhecido.

Virginia — Bobagem, Artur. Você que é muito supersticioso.

Artur — Não é não, Virginia. Ele anda muito preocupado com você.

Virginia — E que tenho eu a ver com isso?

Artur — Ele ama-a muito.

Virginia — Mas eu não. O que vou fazer?

Artur — Para você isso é uma alegria, mas para Rubens é uma tormenta.

Virginia — Pois ele é um idiota, tem tantas pequenas por aí. Deixe de asneiras, Artur. Nós temos que ver, nós mesmos.

Artur — Sabe, Virginia, queria lhe dizer uma coisa. Se você diz que Rubens é idiota, e que tem tantas pequenas por aí... posso lhe dizer uma coisa?

Virginia — Diga-me.

Artur — Não quero terminar assim, mas, por que você não me larga?

Virginia — Não queira dizer que não me quer mais.

Artur — Bem, você sabe que eu a amo muito, mas, esse amor é impossível.

Virginia — Artur!... Não fale assim.

Artur — Olhe, Virginia...como tem tantas pequenas... há também muitos homens, que são livres igual a mim.

Virginia — Não...não... é você quem amo. Sem você isto aqui não tem graça para mim e você sabe bem.

Artur — Sabe, Virginia, Rubens também não ama ninguém...é só você que ele deseja.

Virginia — Você tem razão, mas...não posso voltar para os braços de Rubens.

Artur — Neste caso só há uma solução.

Virginia — Fugirmos juntos daqui.

Artur — Não é bem isso. Deixarei isto aqui para sempre, que achas?

Virginia — E não me leva? Ah, não.

Artur — Não é justo eu furtá-la de Rubens.

Virginia — Não me amas mais.

Artur — Amo-a, mas quero te deixar. Você tem dono.

Virginia — Olhe, Artur... Juro que se você me deixar, eu também abandonarei isto. Sem dúvida...isso eu lhe garanto.

Artur — Você não pode fazer isso Virginia. Você precisa viver disso. Você tem o seu compromisso, menina...agora eu, já sou diferente. Sou livre, solteiro, não tenho nenhum compromisso. Eu indo embora, você poderá ser muito feliz com Rubens, e se eu ficar poderá ser pior para mim e para você. Por favor... Deixe-me, Virginia.

Virginia — Está bem Artur, mas você me promete uma coisa?

Artur — De vir vê-la de vez em quando.

Virginia — Sim...todas semanas.

Artur — Mas todas semanas não é possível, eu também preciso me virar.

Virginia — Então me leve Artur...assim nos veremos todos os dias.

Artur — Não...assim não pode ser. Rubens nos procuraria e poderá ser fatal. Melhor eu ficar mais um pouco, até encontrarmos uma solução melhor.

VIRGINIA VAI PARA OS BRAÇOS DE ARTUR E...

Virginia — Ó que bom, querido Artur.

ARTUR A ABRAÇA

Artur — Meu amor.

NISSO, PASSOS PRENDEM A ATENÇÃO DOS DOIS

Artur — Escute Virginia...uns passos.

Virginia — Sim! É Rubens talvez...saia por aqui, Artur.

MOSTRA UMA SAÍDA E ARTUR SAI DE CENA ÀS PRESSAS.

Virginia [A SÓS] — Ainda bem que ele não vai me deixar. Consegui convencê-lo.

RUBENS ENTRA EM CENA, FUMANDO

Rubens — Olá, Virginia

Virginia — Olá...

RUBENS OLHA NO CHÃO E...

Rubens — Noto que não estava a sós.

Virginia — E daí?...É da sua conta?

Rubens — Bem... Eu só falei à toa.

Virginia — Rubens...eu já lhe disse que não me procurasse mais.

Rubens — Não compreendo, você ainda me pertence. Não consigo te esquecer.

Virginia — Quantas vezes já lhe disse que não o amo, quantas vezes já lhe disse que não quero nunca mais vê-lo. Por que não vai embora deste pavilhão, e me deixa em paz para sempre, Rubens?

Rubens — O mesmo eu lhe pergunto.

Virginia — Bem, eu não vou porquê...

Rubens — Por que?! Vamos?...Diga?...Porque não tem coragem de deixar o seu amante, não é? [RUBENS DERRUBA UM MONTE DE COISAS E EXCLAMA NEURASTÊNICO] Ordinários... Os dois são ordinários. Você é uma mulher leviana, uma sem-vergonha. Teu amante é um canalha, um amigo da onça, ele diz que tem pena de mim... [E DÁ UM MURRO NA MESA] Mentira, ele ri de mim. Ele é um covarde.

Virginia — Você está bêbado, Rubens.

Rubens — Sim...Estou...E daí? Eu tenho nojo de seu procedimento, tenho vergonha do que estou passando. Eu não sou um imitador de palhaço, mas sim um palhaço na realidade. Tenho vontade de acabar de uma vez com você.

Virgínia — E porque não o faz?

Rubens — Você bem sabe que não tenho a coragem. És meiga, és linda, como viverei sem você? Se eu a matar, eu também me mato. De que me serve a vida sem você, Virgínia?

Virgínia — Como você é idiota, Rubens. Acho que mulheres têm muitas, devia me esquecer.

Rubens — Hipócrita...e por que tu não esqueces do teu amado Artur?

Virgínia — Rubens, cale-se por favor.

Rubens — Não me calo. Eu tenho direito de falar. É você que me insulta com seus encontros amorosos com sua leviandade.

NISSO ENTRA EM CENA O GERENTE COM UM FOLHETO.

Gerente — Hei...que é isto? Que aconteceu Rubens? Você andou tomando alguma coisa?

RUBENS PÕE AS MÃOS NA CABEÇA E...

Rubens — Não... Não é nada.

Gerente — Preciso lhe falar.

Rubens — Está bom. Do que se trata?

Gerente — É o seguinte: ... Veja isto...

RUBENS VÊ O FOLHETO E...

Rubens — Hu...é uma coisa muito fácil.

Gerente — Você acha? Já desempenhou alguma vez um papel assim?

Rubens — Hu hu, várias vezes.

Gerente — Ótimo, é seu, estude desde já. Amanhã vamos levar essa peça.

Rubens — Está bem, pode deixar, não haverá nenhum enrosco.

Gerente — Não se embriague mais hoje e nem amanhã, hein?

Rubens — Está bem. Fique tranquilo.

Gerente — Até já, Rubens.

Rubens — Até já.

QUANDO O GERENTE VAI SAIR, VIRGÍNIA EXCLAMA:

Virgínia — Hei!... e o meu papel?

Gerente — Vou ver agora qual lhe fica melhor. Com certeza vai ser um dos principais também. Os melhores daqui são vocês. Você, Rubens e Artur.

Virgínia — Artur vai trabalhar amanhã?

Gerente — É lógico, nenhum de vocês não podem faltar. Já tenho muito prejuízo quando o tempo está chuvoso e brusco. Agora que está firme é preciso recuperar. Até já.

Virginia — Até já.

O GERENTE SAI DE CENA

Rubens — O gerente quer só saber de encher os bolsos. Já estou farto disto. Não sei porque fui me meter nesta vida circense. Se, pelo menos, fosse da gente o pavilhão.

Virginia — É preciso ter muito dinheiro para isso, não adianta fazer planos. É uma coisa muito impossível ter um pavilhão como este, não adianta nem pensar.

Rubens — Não...não é impossível adquirir uma coisa como esta. Bastava somente um pouquinho de esforço, de ambos os lados.

Virginia — O que você quer dizer com isso?

Rubens — Bem... não é nada...não adianta tramar nada com você. Você jamais pensará no futuro. Você quer viver só de ilusões.

Virginia — E estou contente assim. Se você não me quer assim, é fácil, largue-me.

Rubens — Virginia...minha paciência qualquer dia acabará.

Virginia — Há! Há! Há! Até é engraçado um bêbado conversar com a gente.

Porque não vai dormir um pouco Rubens? Talvez acalme os seus nervos.

Rubens — Não... eu não estou tão bêbado como pensas, eu sei o que estou fazendo.

Estou só lhe explicando que...

Virginia — Chega Rubens [VIRGINIA LEVANTA-SE E...] Fique aí falando para os ares do tempos, já estou farta de conversas moles.

E VIRGINIA SAI DE CENA.

Rubens (A SÓS) — Ela é assim mesmo, despreza-me, ...despreza-me por causa do Artur. Eu podia matá-la, mas não o faço, é linda e amo-a demais. Perdoo tudo o que me faz. Eu tenho a esperança de um dia voltarmos como antes. Tenho esperança dela me amar como ama Artur.

PANO RÁPIDO

FIM DO 1º ATO

2º ATO

FICAM EM CENA O GERENTE E ARTUR SENTADOS

Gerente — Então rapaz, você queria me deixar, só por causa de Virginia.

Artur — Não é seu Paulo, o senhor deve compreender as coisas.

Gerente — Que nada Artur, deixe de bobagens. Já estou com todos elencos certos. Não quero ficar sem você.

Artur — Bem...eu também não queria deixar sua companhia.

Gerente — Não, não...nem pense nisso. Você não vai nos deixar não.

Artur — Eu só penso em Rubens.

Gerente — Bobagem...Rubens não é vingativo, e não se importa com isso.

Artur — É impressão sua, seu Paulo. Rubens ama Virginia, e noto que tem ciúme de mim. Tenho medo de um dia seu ciúme transformar-se numa tragédia.

Gerente — Há não seja idiota. Conheço Rubens há muitos anos. Acredite, ele não seria capaz de fazer essas asneiras.

Artur — O senhor fala assim porque nunca amou uma mulher.

Gerente — E nem quero amar, pois o amor traz muitas complicações, e você está complicado com isso já.

Artur — Bem...há uma solução.

Gerente — Que solução?

Artur — Deixar este pavilhão para sempre e não voltar mais.

Gerente — Não pode, Artur. Você estragará sua carreira, companhia nenhuma pagará melhor que a minha e ainda vou dar-lhe 10% da renda do espetáculo.

Artur — Dez por cento?

Gerente — Sim, que acha?

Artur — Há, ótimo, mas...

Gerente — Creio que você não vai me deixar, só por causa de Virginia.

Artur — Bem...10% é dinheiro.

Gerente — Ofereço-lhe isto, porque considero-o o melhor da companhia e também por estar mais ao par dos meus negócios, eu preciso de você.

E LEVANTA E ARTUR TAMBÉM SE LEVANTA.

Artur — Grato pelos elogios, seu Paulo.

Gerente — Não me agradeça. Só quero que tire da cabeça esse romance seu com Virginia. Não quero perder nenhum elenco, pois já estão todos certos.

Artur — Está bem, seu Paulo, vou procurar esquecê-la. Depois do que me oferece eu não posso recusá-lo.

Gerente — De jeito nenhum Artur. Ninguém lhe oferece mais, garanto-lhe.

Artur — Tem razão, seu Paulo, eu fico.

Gerente — Logo mais é o ensaio, até já.

Artur — Até já, seu Paulo.

O GERENTE SAI DE CENA

Artur [A SÓS] — Dez por cento? Eu nunca tive uma oportunidade como esta, para ganhar tanto dinheiro. É preciso esquecer de Virginia. Rubens ficará satisfeito quando souber que não ligo mais para ela.

NISSO ENTRA EM CENA RUBENS, EMBRIAGADO,

Artur — Rubens! Você está embriagado.

Rubens — Bem... isso é da minha conta. Vim aqui para lhe dizer que se afaste de Virginia, pois minha calma tem fim.

Artur — Olhe, Rubens, se é por isso, pode ficar tranquilo desde já. Não tenho mais nada com sua mulher, ela é quem me procura.

Rubens — Eu estou lhe avisando, um dia eu perco a calma, abra o olho comigo.

Artur — Vamos fazer as pazes, Rubens, esqueça-se disso, eu lhe dou minha palavra.

Rubens — Se fosse sua mulher você não gostaria disso. Somos amigos mesmo, mas amo demais Virginia, e por ela sou capaz de tudo.

E COM ESSAS PALAVRAS RUBENS SAI DE CENA.

Artur [A SÓS] — Esse cara é mesmo atrapalhado. Hoje está fazendo uma semana que não converso com Virginia, e nem quero mesmo conversar. De agora em diante, as coisas são mais sérias comigo. Eu não posso estragar minha carreira, e ainda mais que vou ter 10 por cento das rendas dos espetáculos, preciso ser constante, do contrário não serei nada na vida. [PASSOS] Parece que vem alguém aqui.

ENTRA EM CENA VIRGINIA

Virginia — Olá...Artur, que acontece que não me procura?

Artur — Virginia, o que você veio fazer aqui?

Virgínia — Oras...conversar com você, pois você não me procura.

Artur — Virginia...não podemos...

Virgínia — Não podemos o que?

Artur — Não podemos continuar assim.

Virgínia — Ah, Artur...já me disse isso várias vezes, mas afinal, o que acontece?

Artur — É o seguinte: você sabe que Rubens a ama, e isso é perigoso.

Virgínia — Mas eu já lhe disse que não tenho mais nada com ele.

Artur — Eu sei, mas você tem o seu compromisso, seus filhos, e eu não quero me meter nisso.

Virgínia — Artur... Então você não me ama mais, não vá me dizer que...

Artur — Não, não...não é bem isso. É que se continuarmos assim, não haverá futuro para nós...eu, você, Rubens.

Virgínia — Que importa isso. Só quero o seu amor, e nada mais...

E VIRGINIA SE APROXIMA DE ARTUR, MAS ELE SE AFASTA.

Artur — Não, Virginia...pra você isso não importa, mas pra mim, sim. Amor, amor, amor, já estou farto disso, a esta altura amo mais o dinheiro, é com ele que mais me importo, não com o teu amor. Você já tem dono. Você deve dedicar a quem te quer, veja como Rubens sofre. Concentre-se bem, vamos viver como antes. Se pararmos agora Rubens perdoará tudo e poderíamos ter amizade como antes.

DEPOIS DESSAS PALAVRAS VIRGÍNIA PÕE-SE A SOLUÇAR

Virgínia — Então você não me ama mais.

Artur — Não posso, não posso te amar.

Virgínia — Pois fique sabendo que nada mais, para mim, tem graça. Se pensas que vou ficar aqui sem teu amor te enganas, Artur.

Artur — Virginia... você não compreende.

Virginia — Compreendo sim, Artur.

E ENXUGA OS OLHOS E NISSO ARTUR CHEGA MAIS PERTO.

Artur — Virginia, não chores mais. Assim também não quero. Você fica aqui.

Virgínia — Eu ficar? De que adianta, pois você não me quer mais.

Artur — Não...você tem que ficar.

Virgínia — Então diga que me amas sim.

ARTUR TOMA-A NOS BRAÇOS

Artur — Amo-a sim. Mais que nunca Virginia, perdoe-me, sim?

Virgínia — Oh, Artur...

E NISSO ENTRA EM CENA RUBENS FUMANDO. AVEXADOS OS DOIS SE APARTAM

Rubens — Vamos continuem com a cena. Não há outra ousadia maior que esta.

Artur — Sabe, Rubens...eu tentei explicar... não é minha culpa.

Rubens — Eu sei, eu sei, a culpa é toda minha de desejar uma mulher assim. Não se preocupem, hoje terminam tudo.

Artur — Terminam o que Rubens?!...

Rubens — Tudo o que for ilusões.

Virgínia — Não ligue para o que ele diz Artur. Rubens sempre fala asneiras. Ele não tem coragem de fazer nada.

Rubens — Miseráveis...Verão se tenho ou não. Um dia acabarei com os dois.

Artur — Não diga bobagem, Rubens, vamos fazer as pazes. Você bem sabe que eu não sou o culpado.

Rubens — Faça o seguinte Artur: deixe este pavilhão e esqueça de Virginia.

Artur — Mas eu não posso abandonar o pavilhão, seu Paulo reforçou o meu ordenado, previu um futuro para mim.

Rubens — Sinto muito Artur, avisado está.

RUBENS SAI DE CENA E ARTUR VOLTA-SE PARA VIRGÍNIA

Artur — Você ouviu Virginia?

Virgínia — Sim, ouvi sim.

Artur — O que ele quer dizer com isso?

Virgínia — É fácil: ele lhe quer fazer medo.

Artur — Fazer-me medo?

Virgínia — Então...você não acha?

Artur — Mas, aquilo me pareceu sério.

Virgínia — Não se preocupe, é só uma ameaça. Rubens não é de nada.

NISSO O GERENTE ENTRA EM CENA.

Gerente — Desculpe-me a interrupção, mas preciso lhe falar.

Virgínia — Pois não, seu Paulo, do que se trata?

Gerente — Venham no meu camarim. Preciso discutir um assunto importante.

Artur — Está bem seu Paulo, é pra já. Vamos, Virginia.

Virgínia — Vamos, querido.

O GERENTE, ARTUR E VIRGÍNIA SAEM DE CENA LENTAMENTE.

UNS SEGUNDOS E ENTRA EM CENA RUBENS COM UMA GARRAFA DE PINGA NA

MÃO E UM COPO.

Rubens — E...esta é da boa [DESTAMPA A GARRAFA] Muito bem... vamos experimentar um gole. [TOMA UM GOLE] Uma gostosura, vamos ver mais um gole. [E TOMA DE NOVO] É... e verdade. É uma especialidade mesmo. Mas nem isso me consola. Ao me ajuntar com Virginia não imaginei que ficaria louco por ela. Louco...louco de aturar tudo o que ela me faz, louco de ser palhaço de Artur, louco de me viciar na bebida, porque? Tudo por Virginia. Zombam de mim, o pavilhão inteiro zomba de mim. Eu, Rubens, sou o palhaço da realidade. [E RUBENS SE LEVANTA] Mas não serei mais de hoje em diante. Se eu não viver para Virginia, não me importo com nada, e se Virginia não viver para mim, não viverá para outro também. [E TOMA MAIS UM TAIIO] Mas...como agirei, para me dar tempo de dar o fora? Eu tenho que fugir depois, mas...fugir pra onde? [E PENSA]

NISSO O GERENTE ENTRA EM CENA COM UM PAPEL

O Gerente — Rubens?...

Rubens — Seu Paulo...tome um gole comigo.

O GERENTE DA UM TAPA NA MÃO DE RUBENS DERRUBANDO O COPO.

Gerente — Idiota...não sabes que tens responsabilidade aqui.

Rubens — Muito bem, seu Paulo e qual foi o dia que deixei de cumprir minha missão por causa de embriaguez?

Gerente — Não discuta Rubens. Saiba que eu sou patrão. Deixe da bebida e estude esse papel, amanhã vamos levar essa peça. [E DÁ O PAPEL AO RUBENS] E não se esqueça que essa parte do crime tem que parecer bem real, hoje a tarde é o ensaio.

Rubens — Está bem, e os outros já estão ao par?

Gerente — Já estão todos ao par. Virginia fará a moça. Muito cuidado ao carregar a arma que você vai usar.

Rubens — Não tem problema, será bem examinada antes do trabalho.

Gerente — Está bem, felicidades.

Rubens — Obrigado.

E O GERENTE SAI DE CENA

Rubens [COM AR DE LOUCO] — O gerente confiou em mim ao me dar esse papel. Que louco ele foi. Esse papel que vou interpretar vai ser a ruína de seu pavilhão inteiro. Isto veio a calhar e facilitar a minha vingança. Há! há! há! Eu conheço de ponta a ponta essa peça. O criminoso tem um tempo de uns 20 minutos ao entrar em cena pela segunda vez, e em 20 minutos estarei fora do pavilhão.

Só vão descobrir o crime depois que fecharem as cortinas do palco. Estão os dois em meu poder há! há! há! [E RUBENS FICA LOUCO] Há! há! há! Vai ser uma vingança bem feita. Há! há! há! Artur nunca mais fará alguém de palhaço, e nem Virginia também. Sim...eu...matarei os dois. Há! há! há!

E PANO RÁPIDO

FIM DO 2º ATO.

3º ATO

O TERCEIRO ATO DA PEÇA MOSTRA O INTERIOR DE UM PALCO.

PEDRO, ARTUR, VIRGINIA E OUTROS ELENÇOS DA PEÇA ESTÃO LEVANDO OUTRO DRAMA, COMO DE COSTUME.

OS ESPECTADORES DO PAVILHÃO ESTÃO SENTADOS COM O ASSUNTO DA PEÇA QUANDO UMA DAS CENAS SE TRANSFORMA EM REALIDADE, FAZENDO UMA TRAGÉDIA.

Artur — Veja, Virgínia...

Virgínia — Antônio? Você conseguiu.

Artur — Sim, meu bem. Parece mentira, não é? Mas é verdade.

Virgínia — E como fez com que ninguém o visse, Antônio.

Artur — Não foi muito difícil. Antoninho soube dar o golpe. Agora só nos resta dar o fora do estado.

Virgínia — Mas...para onde?

Artur — Para o Rio, oras! Mas é melhor você se apressar, Mariza.

Virgínia — Pode deixar, comigo não haverá problema. Eu quase duvidei que você ia conseguir apanhar a pasta.

Artur — Parece mentira mesmo, mas aí está, e com todo dinheiro.

Virgínia — E será que ninguém viu mesmo, Antônio? É preciso ter cautela.

Artur — Não se preocupe, ninguém viu. E se apresse agora.

Virgínia — Estou pronta, falta só apanhar a bolsa, um momento.

E VIRGÍNIA SAI DE CENA.

Artur — Ninguém saberá que fui eu o autor do roubo e nem mesmo o meu sócio. Logo que começar a esquentar, é o filho do doutor Marcos quem levará a culpa.

E NISSO ENTRA EM CENA RUBENS DE ARMA EM PUNHO. ARTUR FAZ UM GESTO DE SUSTO E...

Rubens — Não tente nada, Antonio. Me dê sua arma, covarde.

ARTUR ENTREGA A ARMA

Artur — Por favor, Joe...eu ia te avisar.

Rubens — Mentiroso, você ia me ludibriar também, e culpar o meu melhor amigo.

Artur — Então você ouviu?

Rubens — Eu não sou trouxa, miserável.

Artur — Não, Joe...por favor, não perca a calma, repartiremos todo dinheiro.

Rubens — Não é preciso, eu ficarei com tudo.

Artur — Sim...está bem, mais cuidado com seu dedo, cuidado com o gatilho. Você não vai apertar, não é?

Rubens — Você sabe que eu não brinco com arma e ainda quando se trata de traições.

Artur — Leve tudo consigo Joe, eu não quero morrer

RUBENS APANHA A PASTA E...

Rubens — Eu vou levar mesmo, não é preciso mandar, e não pense que vai ficar vivo para me denunciar.

Artur — Por favor Joe, não seja louco. Eu não vou denunciá-lo.

RUBENS SE AFASTA E...

Rubens — Não vai mesmo, disso eu tenho certeza.

RUBENS CONTINUA SE AFASTANDO E...

Artur — Joe!...Não me mate!...Não!...

Rubens — Eu não preciso mais de você.

E SAI DE CENA AO PRONUNCIAR ISSO. LOGO ISSO UM BAQUE E ARTUR TOMBA SEM VIDA NUM GEMIDO

Artur — Ai...

RUBENS EXCLAMA POR TRÁS DO CENÁRIO

Rubens — Morre canalha...há! há! há!

E NISSO ENTRA EM CENA VIRGÍNIA, COM GESTO DE ATENCIOSA E QUER AJUDÁ-LO. VIRGÍNIA EXCLAMA...

Virgínia — Antônio! ...Antônio!... Que aconteceu?...Responda, Antônio!...Oh!... ele está morto... E COMEÇA A CHORAR. SOLUÇOS] Morto... [SOLUÇOS]

NISSO O INDIVÍDUO QUE ESTÁ SEGURANDO UMA CORDA DO LADO FAZ GESTO DE PUXAR, PARA IMITAR QUE ESTAVA SERRANDO A CORTINA, E TERMINANDO O ATO DAQUELA PEÇA.

NISSO O GERENTE ENTRA EM CENA COM UM LIVRO.

Gerente — Arre...que terminou o ato. Esta peça é um estouro, mas é preciso muita cautela. Rubens imitou bem o seu papel. Levante-se, Artur. Não temos tempo para brincadeira agora, precisamos modificar o cenário para outro ato.

E NISSO O GERENTE SAI DE CENA. ARTUR CONTINUA ESTENDIDO NUMA POÇA DE SANGUE. OS OUTROS ELEMENTOS CONTINUAM SE VIRANDO, QUANDO VIRGÍNIA

ENTRA EM CENA ALEGRE.

Virgínia — Ao lado de Artur não há problema no desempenho. [PARA SUBITAMENTE ASSUSTADA E EXCLAMA] Artur?!...Você não está brincando. Hein?!... Socorro, houve um acidente, isto é sangue, meu Deus não é possível...Artur... Artur... Ele está morto

VIRGÍNIA PÕE-SE A CHORAR E NISSO O GERENTE COM OS OUTROS ENTRAM EM CENA

Gerente — Então é verdade Virginia, mas como foi acontecer isso? Onde está Rubens, ele que carregou a arma?

Virgínia — Não sei. Deve estar por aí.

Gerente — Ei pessoal, suspendam o espetáculo desta noite, devolvam os ingressos aos espectadores.

Ponta — O pessoal não vai gostar, chefe. Já estamos no 3º ato da peça. Agora o que mais?

Gerente — Não me interessa. É por força maior. Eu disse para devolver os ingressos, e vamos tirar o corpo de Artur daqui você vai ver se encontra o Rubens por aí.

O PONTA SAI DE CENA, O GERENTE E O PESSOAL RETIRAM ARTUR DA CENA.

Virgínia (CHORANDO) — Céus...nunca acontece isso. Temos tanta confiança em nós. Que acidente horrível. É difícil de acreditar, mas é fato. Artur está morto.

O GERENTE ENTRA EM CENA

Gerente — Virginia, eu quase não estou acreditando que isto seja um acidente.

Virgínia — Então foi o que?

Gerente — Acho que Rubens se vingou de você tirando a vida de Artur.

Virgínia — Há! Imagine só. Rubens não faria isso, tenho toda certeza. Rubens é um artista, e não um vingador

O GERENTE ACENDE UM CIGARRO E...

Gerente — Isso não vem ao caso. O amor que ele tinha por você era demais.

Virgínia — Mas ele não teria a coragem de assassinar Artur.

Gerente — Engana-se. O ciúme é um veneno.

Virgínia — Tenho a certeza de que foi um acidente seu Paulo.

Gerente — Acidente não foi, porque Rubens não está mais aí no pavilhão. —

Virgínia [ASSUSTADA] — O que? Então Rubens fugiu?... E agora seu Paulo? O...o que vamos fazer?

Gerente — Não sei, não. É a polícia quem vai decidir esse caso. Acho que você não vai sair muito bem disso.

Virgínia — Por que, seu Paulo?

Gerente — Bem...a polícia vai interrogá-la, você é a mulher de Rubens, não é? Vai ter que confessar as aventuras que viveu com o falecido Artur.

Virgínia — Que me importa, eu não fui a culpada dessa tragédia, seu Paulo.

Gerente — É...veremos quando a polícia interrogá-la. Se você não fosse tão leviana não aconteceria isso.

Virgínia — O senhor vai me ajudar?

Gerente — De que modo? Sou responsável pelo pavilhão, não pelos seus atos, Virgínia.

Virgínia — Mas o senhor precisa de mim.

Gerente — Eu não preciso de só você, precisava de todo elenco.

Virgínia — Nos levantaremos novamente, seu Paulo. Arranjaremos dois bons.

Gerente — Não...não pretendo mais continuar nisso. O pavilhão ficou marcado. Eu nunca esquecerei essa mancha de sangue neste palco, nunca, nem por sonho imaginava que aconteceria isso um dia. Você foi a culpada da tragédia Virgínia.

Virgínia — Calma seu Paulo...não fique tão nervoso, havemos de arranjar dois bons artistas que substituirão, Rubens e Artur.

Gerente — Não adianta, Virgínia, é melhor você arrumar outra colocação.

Virgínia — Mas por que, seu Paulo?

Gerente — Tenho uma comigo. Depois do que ocorreu aqui, só irá a pique o pavilhão.

Virgínia — Há, deixe de bobagens. todo isso não passa de superstição.

Gerente — Eu nunca tive superstições de haver acidentes como esse.

Virgínia — Eu o ajudarei esquecer.

Gerente — Não insista, Virgínia, você já fez o bastante aqui. Acabarei com o pavilhão a qualquer momento. Isto já deu o que tinha de dar, de hoje em diante será abusado por nós mesmos que o frequentamos.

O INVESTIGADOR DE POLÍCIA ENTRA EM CENA APRESENTANDO AS CREDENCIAIS.

O Investigador — Alô...sou o investigador da redondeza, quero uma explicação. O senhor é o gerente?

Gerente — Sim...sim. Foi aqui o crime. [E O GERENTE EXPLICA O INCIDENTE]
Estávamos levando a peça que anunciamos hoje, e quando foi no fim do 3º ato

a cena foi real.

Investigador — Onde estava localizado o ator que ia atirar na vítima?

Gerente — Aqui neste canto, estavam frente a frente, como exige a cena.

Investigador — Ele atirou de perto, assim conversando?

Gerente — Não, doutor. Rubens aproveitou para pronunciar as palavras da peça, se afastou de Artur, saindo de cena, e depois atirou.

Investigador — Quem é que toma conta das armas aqui.

Gerente — Os mesmos atores. Nunca houve desconfianças.

Investigador — Rubens é casado.

Gerente — Não...era amigado com esta mulher.

Investigador — E Artur?

Gerente — Artur era solteiro.

Investigador — É melhor explicar bem direitinho porque um homem não comete crime sem ter motivos. Isso já está mais do que claro que não foi um acidente, um motivo houve, se foi ele próprio que carregou a arma.

Gerente — Bem...Rubens não era feliz com sua mulher, aí está ela que pode afirmar.

Virgínia — É verdade, Comissário, eu não vivia bem com Rubens.

Investigador — E gostava de Artur.

Virgínia — Bem...nos amávamos, mas nunca pensei que Rubens iria aproveitar uma das cenas do drama.

Investigador — Muito bem. Já esclareceu um pouco. A senhora vai ficar detida até prendermos o Rubens, e o pavilhão vai ficar embargado até esclarecer tudo. Podem me acompanhar.

E VÃO SAINDO DE CENA E FECHANDO A CORTINA

PANO RÁPIDO

FIM DO 3º ATO

4º ATO

EM CENA, RUBENS

Rubens — Aqui estou, jogado em qualquer lugar. Até quando vou viver assim? Eu não posso me esconder mais da justiça, já não tenho mais lugar. Deixe-me ver uma coisa [E TIRA DO BOLSO UM JORNAL E LÊ...] É eu não me enganei. Virgínia está encarcerada e até me prenderem, o pavilhão está embargado. Há! há! há! Foi a melhor vingança que um homem podia fazer. Quanto mais eu fugir da justiça, Virgínia não terá liberdade, só se eu pudesse fugir a vida toda. Ela com toda aquela beleza, com toda aquela juventude, sem ter os carinhos de um homem há! há! há!... isso é muito divertido para mim. É... mas acho que isso não vai durar muito tempo, já estou farto de viver com um andante sem dinheiro, barbudo, sujo, maltrapilho, eu não posso continuar assim. Eu precisava arrumar um ganha dinheiro. Sim, um dinheirinho qualquer, sou só no mundo, não tenho ninguém por mim, e não desejo ter mais. Todos são traidores, todos são inimigos, todos querem ver a minha ruína.

E NISSO ENTRA EM CENA O INVESTIGADOR COM A MAQUIAGEM DE UM MALTRAPILHO BÊBADO.

Investigador — O!...olá amigo...intão cumo é qui é hem? Descansando um pouco?

Rubens — Há sim, sim, estou um pouco abatido e parei para descansar.

Investigador — Que nada, tome um pouco dessa água.

Rubens — Mas, mas isso não é água amigo.

Investigador — É sim, e a água que boi não bebe.

Rubens — Ah sim, é a cachaça.

Investigador — Ah intão gostô? É isso memo, tome amigo, isso ajuda esquecê as mágoas.

E TOMAM VÁRIOS GOLES.

Rubens — Mágoa? Eu não tenho mágoa de ninguém. Por que me diz isso?

Investigador — Ué, eu pensei que você era iguá a eu, mais em tudo caso, nós vamo se torná amigo, não é? Como é memo seu nome?

Rubens — Bem, eu... me chamo Mario, e o seu?

Investigador — Ah sim, eu me chamo Marculino, é um nome que as garotas acham muito bonito, você não acha? Onde cê mora?

Rubens — Por aí mesmo por enquanto.

Investigador — O que? Na estrada, você tá mais é loco amigo, eu vô te ajudá

ouviu?

Rubens — Me ajudar? Em que?

Investigador — Oras, eu não tenho coração de pedra. Eu vô te arrumá emprego.

Rubens — Mas...e que serviço?

Investigador — O...o que você sabe fazer?

Rubens — Bem eu...eu não tenho profissão nenhuma, mas sou forte.

Investigador — Então me espere aqui um pouco. Eu vô ali no boteco do Antônio, comprá mais uma garrafa de pinga, que essa aqui, já foi, olhe só.

Rubens — É mesmo amigo...você tem razão. Mas tome cuidado.

Investigador — Não tem perigo...e agora que vô começá a beber uns golinhos, há! há!

E NISSO O INVESTIGADOR SAI DE CENA. RUBENS FICA PENSATIVO E...

Rubens — É...esse velho pingüço me animou mais um pouco. Onde será que esse cara mora? Eu preciso ficar amigo dele. Pelo menos tenho onde ficar, até que me arrume uma colocação. [ELE FICA PENSATIVO E SURGE UMA IDEIA...] Hu...tenho uma ideia. Agora que lembrei... Eu não posso ficar estacionado num lugar só. Se eu ficar aqui, é fácil da polícia me pegar. Há um cirquinho neste arraial, está para sair amanhã... Eu vou com eles...

NISSO O INVESTIGADOR ENTRA EM CENA COM A GARRAFA NA MÃO.

Investigador — E que tal amigo? Aqui tá a garrafa de cachaça...e essa é da boa, veja...é Cavalinho. Demorei muito?

Rubens — Não demorou não.

Investigador — Então toma um gole. Pode tomá à vontade, se acabá a gente vai buscar mais.

Rubens — Eu vô tomá só um golinho, eu não posso beber muito...eu tenho que falar com o home daquele cirquinho ali.

Investigador — Oé?...pra que?

Rubens — Vou ver si me coloco ali, pelo menos tenho onde ficar e comer.

Investigador — Chi...mas aquilo é vida desajeitada, porque não procura coisa melhor? Conheço uma grande fazenda aqui, que o administrador é meu amigo; eu podia arranjar-lhe uma colocação lá, que tal?

E BATE NAS COSTAS

Rubens — Bem...é uma ótima ideia, mas não me acostumo ficar num só lugar.

Investigador — Mas aquilo ali não tem futuro, ainda mais aquela porcaria

que não vai ninguém.

Rubens — Mas para mim está bom. Com tanto que tenha a cama e a bóia.

Investigador — Eu não sei em que você pensa, rapaz. És muito jovem pra viver assim, sem destino.

Rubens — Escute...posso perguntar uma coisa ao senhor?

Investigador — É lógico, meu rapaz.

Rubens — Que motivo tens para se embriagá tanto assim?

Investigador — A isso é fácil, eu e minha patroa éramos muito felizes, depois que eu aposentei do meu tempo de serviço fiquei em casa só, e minha patroa como é muito geniosa, sempre queimava o rádio comigo.

Rubens — Só por isso?

Investigador — É...não posso viver sossegado em casa, então vivo por aí ué, quando estou bem miando daí eu vou em casa dormir.

Rubens — Poxa, que vida cacete, não?

Investigador — Não é não, é melhor assim, aposto que a sua vida é pior. Eu pelo menos tenho minha aposentadoria.

Rubens — E eu não tenho nada, está certo, muito certo, agora até breve amigo.

Investigador — Mas...já vai? Ainda não conversamos nada.

Rubens — Já conversamos sim. Até breve, seu Marculino, encontraremos novamente.

MARCULINO DÁ COM A MÃO. E RUBENS SAI DE CENA

Investigador — Assim espero Mário, vou dormir um pouco também.

E FICA DEITADO ALI

DEPOIS QUE RUBENS SAI DE CENA O INVESTIGADOR FINGE DEITAR PARA DESCANSAR. UM SENTINELA ENTRA EM CENA.

Sentinela — Acorde chefe, parece que o senhor está mesmo bêbado.

Investigador — Hó...olá...é você Chico. Ele não viu você chegar?

Sentinela — Não senhor.

Investigador — Tenha cuidado. Ainda não perguntei nada que relacionasse ao crime, mas tenho quase certeza de que estou na pista certa.

Sentinela — Esse cara nunca fez nada a ninguém. Não sei porque o senhor desconfia tanto.

Investigador — Não fez aqui, os criminosos procuram se regenerar, e é fácil de pegar por isso. Sabe aquele circo ali?

Sentinela — Sei, o que tem?

Investigador — Ele vai ter que se barbear para se colocar ali, o indivíduo que procuro é um artista de circo, logo veremos seu talento.

Sentinela — Mas aquela porcaria não dá nada.

Investigador — Ele vai fazer dar. Eles estão cheios de faxineiras e artistas mesmo não tem. Mario vai salvar a situação do circo e nós vamos agarrá-lo de leve.

Sentinela — Mas aquilo ali vai embora amanhã, e depois?

Investigador — Para termos a certeza basta assistirmos o espetáculo desta noite, o que vão apresentar hoje.

Sentinela — Hoje eles vão levar a peça “O mundo não me quis”.

Investigador — Eu vou assistir e você vai dar serviço lá.

Sentinela — Está bem...está bem...

Investigador — Sossegue Chico que você já terminará sua missão hoje mesmo. Agora são 7 horas. Daqui a ora e meia vai começar, nem que não vá muita gente, mas nós não podemos faltar. É um espetáculo importante.

E NISSO APAGAM-SE AS LUZES DO PALCO OS DOIS SAEM DE CENA E LOGO MAIS ACENDEM SOMENTE AS RIBALTAS DANDO AO ENTENDER QUE SERÁ UM OUTRO DIA.

NINGUÉM NA CENA.

LOGO MAIS ENTRA RUBENS

Rubens — Bem, foi fácil de conseguir. O espetáculo de ontem chamou a atenção dos poucos espectadores. Pelo que vejo o dono gostou muito do meu jeito. É...vou viajar um pouco com eles.

NISSO ENTRA EM CENA O INVESTIGADOR COM A MESMA MAQUIAGEM.

Investigador — Olá amigo. Não demorou muito a nos encontrar de novo. Como está hoje.

Rubens — Hó...muito bem, seu Marculino.

Investigador — Quer tomar um trago? Venha comigo no botequim do Antônio.

Rubens — Hó não senhor, obrigado.

Investigador — Sabe...você sabe que fui ontem no circo.

Rubens — A é? Não sabia que o senhor gostava disso também.

Investigador — Bem...eu não gosto não é... mas resolvi dar uma olhadela só por farra; gostei muito de sua personalidade.

Rubens — Bem...não é difícil isso.

Investigador — Você tem muito jeito para isso, por que não procura coisa melhor? Ai você perde seu tempo. Conheço um pavilhão enorme que está fracassado por ter acontecido um acidente.

Rubens — Um acidente?

Investigador — Sim...todos têm medo de trabalhar nele. Durante o espetáculo fizeram um homicídio e o assassino fugiu.

Rubens — E não agarraram?

Investigador — Hu...que jeito, ninguém sabe o seu paradeiro, esse aposto que num pegam mais.

ELE PÁRA PENSATIVO, VIRA DO LADO E DIZ PRA SI MESMO:

Rubens [À PARTE] — Céus...o velho soube do acontecido. Preciso dar o fora.

Investigador — Ficou pensativo amigo? Não é só o senhor. Os outros também têm medo, mas é bobagem, só acontece um caso em mil desses.

Rubens — É verdade mesmo.

Investigador — Então hoje o senhor vai embora mesmo? Não quer ficar para tomarmos uns tragos?

E O INVESTIGADOR DÁ UM SINAL. NISSO ENTRA EM CENA O SENTINELA COM O REVÓLVER NA MÃO.

Sentinela — Esteje preso, moço.

Rubens — Heim? O que eu fiz?

Sentinela — O investigador sabe.

Rubens — Qual investigador?

O INVESTIGADOR JÁ VAI TIRANDO AS ALGEMAS DO BOLSO E MOSTRA AS CREDENCIAIS.

Investigador — É isso mesmo. Sou investigador de polícia e você está acusado de homicídio.

Rubens — Não...vocês se enganaram. Não matei ninguém.

E JÁ É ALGEMADO.

Investigador — Não fala e menos movimento. Você assassinou o seu amigo de trabalho, amante de sua mulher, o Artur. Encontramos sua verdadeira identidade, nas suas vestes de palhaço. Costurou bem. Foi muito boa ideia, mas encontramos fácil.

Rubens — Miseráveis...todos miseráveis.

Investigador — Agora vai ter que ajustar as contas com a justiça.

Rubens — Enganam-se. Eu estou indefeso, será fácil o meu fim. Chega de sofrer. Até aqui sofri e depois disso apodrecer na prisão, pois enganam-se.

E RUBENS CORRE ALGEMADO QUE NEM LOUCO E SAI DE CENA.

Investigador e Sentinela — Rubens...Rubens...

Investigador — Ele ficou louco; vai se atirar naquele abismo, precisamos fazer qualquer coisa.

Rubens — Nunca me pegarão, nunca.

E SOLTA UM GRITO DE TERROR AIIIII...

Sentinela — Não dá mais tempo.

Investigador — Ele suicidou-se. Ele achou que assim era melhor do que ajustar as contas com a justiça. Neste caso estou com ele, pois a cana que ia tomar não era mole, não!. Adeus Rubens...

PANO RÁPIDO

THE END

FIM DA PEÇA